

Negociação da dívida externa será longa e difícil

Se por um lado o governo está sem condições políticas de um retorno ao Fundo Monetário, por outro, dificilmente os bancos aceitarão as idéias novas que o Brasil quer colocar na mesa de negociação, como, por exemplo, a do spread zero. E há ainda um problema mais imediato: muito provavelmente os credores começarão a diminuir as linhas de curto prazo, que sustentam o comércio exterior brasileiro e financiam os bancos que atuam fora do país. Existem, enfim, inúmeros problemas criados pela dívida externa e pela moratória que completa esta semana seis meses. Os economistas reunidos pelo JORNAL DO BRASIL para uma avaliação de conjuntura no BALANÇO MENSAL de agosto têm visões diferentes da



questão, mas concordam que o processo de renegociação da dívida externa brasileira será duro e demorado. No front interno, entretanto, há uma certa sensação de alívio: a avaliação inicial dos efeitos do Plano Bresser, em vigor no país há dois meses, é positiva. Evitou-se o desastre da recessão com hiperinflação mas persiste um perigoso fator desestabilizador: todos concordaram que o déficit público está fora de controle. Participaram da mesa-redonda o ex-ministro Mario Henrique Simonsen, o presidente do BNDES, Márcio Fortes, o deputado Cesar Maia e os economistas Rogério Werneck, Dionísio Dias Carneiro e Edmar Bacha da Puc do Rio e Paul Singer da USP.